



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

## **A LUZ ÍNTIMA: A CRIAÇÃO DE UMA COMPOSIÇÃO POÉTICA TEATRAL COM AS LUMINOSIDADES DAS MEMÓRIAS DE SI.**

**Enoque Paulino de Souza Júnior<sup>1</sup>  
Iara Regina da Silva Souza<sup>2</sup>  
Programa de Pós Graduação em Artes  
Universidade Federal do Pará**

### **Introdução:**

O que será abordado neste artigo é uma parte da minha pesquisa em luminosidades das memórias. O problema que norteia a pesquisa é *Como elaborar uma composição poética teatral utilizando as luminosidades das memórias como principal indutor criativo?* O pesquisar as memórias e as suas luminosidades vieram com a inquietação de um artista paraense no exercer de múltiplas funções dentro do fazer teatral, diretor, iluminador, cenógrafo, ator entre tantas outras frentes necessárias para realizar um trabalho cênico. Se faz teatro, se ocupa, articula o pensamento, se faz tudo. O trabalho como iluminador cênico e diretor teatral me fez pensar as cenas de luz para além de uma camada visual, me fez pensar poética e encenação.

A pesquisa inicialmente estava dividida em três partes, as quais denominei de a Luz Íntima, a Luz Compartilhada e a Luz de uma Época, explicitando-as são essas: a Luz íntima são as luminosidades das minhas memórias, uma visão bem pessoal de acontecimentos e vivências; a Luz Compartilhada, as memórias criadas em comunhão com os meus amigos, familiares, trabalhos, namoros, pessoas com as quais compartilhei momentos e histórias; a luz de uma Época é a etapa da pesquisa na qual eu queria descobrir que luz teriam as minhas memórias com relação a época em que vivo. A criação de um banco de dados de luminosidades seria feito e essas luminosidades seriam recriadas em cena, uma dramaturgia pessoal de luz seria criada e apresentada como resultado da pesquisa

Neste trabalho descrevo como a idéia em processo muda, como o percurso dessa pesquisa foi alterado quando as memórias e o momento presente se encontraram; o elemento principal muda, parto da luz, mas não chego nela, chego com ela, fica maior, vira encenação.

Preocupado com o cenário político atual onde não pensar política é um grande erro, me pergunto como ser luz na escuridão? Que luz é esse que carregamos com a gente? E partindo desses questionamentos em sala de trabalho, escavei as

<sup>1</sup> Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Pará - UFPA, no Programa de Pós Graduação em Artes – PPGARTES, Graduado em Licenciatura Plena em Teatro pela UFPA, Curso Técnico em Teatro pela UFPA. Fundador dos Grupos de Teatro Dirigível Coletivo e As Imundas. Colaborador artístico no Grupo Os Varisteiros.

<sup>2</sup> É Professora da escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, cargo professor de Ensino Básico Técnico e Tecnológico. Doutora em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro/Minho em Portugal. Mestra em Artes pelo Instituto de Ciências das Artes/UFPA. Especialista em Iluminação e designer de interiores pela faculdade Castelo Branco/RJ. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (1997). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Iluminação, mas também em direção, cenografia.



luminosidades sobre os acontecimentos que me adaptaram para ser quem sou hoje; uma experimentação de capturar as luminosidades que essas memórias tem para compor um trabalho poético teatral.

Em sala de trabalho, que nesse caso é a minha própria casa, tenho para mais de 100 plantas ornamentais, folhagens das mais variadas espécies, tenho um trabalho diário de plantio de mudas, de poda, de rega, adubação e fertilização orgânica e de verificação de incidência de luz sobre elas, justamente por que não tenho o tão sonhado quintal para quem tem plantas em casa. Iniciei uma investigação de luz, parei para observar por onde a luz do sol entra na minha casa, que paredes elas iluminam, quais os horários com mais incidência de luz e comecei uma dança, uma movimentação para que todas consigam crescer fortes e saudáveis. Comecei a observar que as plantas se movimentam em direção a luz, caminham, se espicham numa tentativa de sobrevivência. As roseiras já não saem mais das janelas, assim como os cactos e o mais recente presente, um pé de tangerina que tenho mantido em vaso.

Narrar essa atividade diária me é necessário por observar que esse cuidado e observação da luminosidade solar na minha casa está potente, intuitivamente me propus a relacionar com a pesquisa. A planta precisa de luz para realizar o processo de fotossíntese e gerar energia para a sua própria sobrevivência. Estamos na Amazônia, melhor metáfora para sobrevivência no contexto da minha pesquisa ainda não encontrei. Esse fazer diário com a terra e com as plantas está completamente atravessado com as minhas memórias de infância, impossível ignorar o que está tão forte nesse momento.

O escopo da pesquisa mira-se nas memórias do próprio eu-pesquisador, indo de encontro com os conceitos de Paula Sibilia (2016) do eu como narrador de si e da dramaturgia pessoal do ator de Wlad Lima (2004), dos conceitos de memória de Henri Bergson (2000), Jan Asmann (2000) e do conceito de Duração Bergsoniana pela ótica de David Lapoujade (2010). O trabalho também foi pensado em paralelo com artistas pesquisadoras da luz como poética, Cibele Forjaz (2015) e Iara Souza (2017).

Dentro do que se objetiva nessa pesquisa, o principal argumento é criar uma composição poética teatral com as luminosidades das memórias e levar para a cena as criações feitas a partir das mesmas e tudo o que for atravessado por elas e não somente recriá-las em cena.

## **Metodologia**

Nesse processo, utilizo a cartografia, método pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), no que se refere a acompanhar um processo em curso, de produção de dados. Nessa parte da pesquisa me guio pelas pistas apontadas por Virginia Kastrup (2009) no que ela propõe como pista para a atenção no trabalho do cartógrafo no momento da produção de dados, que são o rastreamento, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.



A pista que tomamos aqui diz respeito ao funcionamento da atenção durante o trabalho de campo. Não se trata de buscar uma teoria geral da atenção. A ideia é que, na base da construção de conhecimento através de um método dessa natureza, há um tipo de funcionamento da atenção que foi em parte descrito por S. Freud (1912/1969) com o conceito de atenção flutuante e por H. Bergson (1897/1990) com o conceito de reconhecimento atento. Através do recurso a esses conceitos, bem como referências extraídas do campo das ciências cognitivas contemporâneas, o objetivo é analisar a etapa inicial de uma pesquisa, tradicionalmente denominada “coleta de dados”. Ocorre que, do ponto de vista dos recentes estudos acerca da cognição numa perspectiva construtivista, não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção de dados da pesquisa. A formulação paradoxal de uma “produção de dados” visa ressaltar que há uma real produção, mas do que, em alguma medida, já estava lá de modo virtual (KASTRUP, 2009, p. 32-33)

Dentro dessas variantes me organizei na produção de conteúdo para a construção do ato poético teatral.

### **Resultados e discussão**

Por refletir sobre a atmosfera do tempo em que vivemos e sentir um desânimo pessoal desde o golpe político parlamentar em 2016 no Brasil, que passa pelas eleições presidenciais em 2018, o avanço ultraconservador da política no país e pelo projeto de desmonte da educação, da pesquisa e dos órgãos responsáveis por fomentar a cultura produzida em todo o território nacional, confesso que cheguei a quase desistir de ser um pesquisador em artes nesse contexto fúnebre, mas acima de tudo isso, eu sempre acreditei que a arte é uma arma potente de combate e de expressão de quem somos no mundo e do que queremos para ele. Partindo desse pensamento primeiro, me fiz outro questionamento, *o que eu poderia iluminar hoje quando me percebo em um período de total escuridão para que eu possa iluminar o futuro?* Que luz é essa que temos nas memórias que poderíamos utilizar como tática para sobreviver? O que eu poderia trocar com outros *eus* iguais?

Na tentativa de respostas, abro um caminho para outro paradigma, ao invés de buscar as luminosidades das memórias e criar cenas, por que não investigar que luz é essa que temos que nos aquece e que nos nutre ou que nos impulsiona a sermos pessoas sensíveis, éticas, criativas? Como ser luz na escuridão? Que luz é essa? O que fizemos? Quais acontecimentos nos iluminaram? Perguntas para uma vida toda, mas são questionamentos para impulsionar o pensamento criativo/crítico, fomentar um debate entre política, arte, ética, estética e criação cênica.

A principal ideia é não tornar a pesquisa passiva a toda conjuntura política a qual estamos inseridos, fazer arte é falar do seu tempo e estamos vivendo um momento em que nos sentimos acuados e que a cultura do medo e do ódio está sendo disseminada com total potência, disseminada pelas chacinas que sempre acontecem nas periferias das grandes cidades, pelo projeto de liberação do porte de armas, que ainda está vivo na cabeça de quem está com a máquina nas mãos, pelas mortes no campo ou pela fala opressora, LGBTQI+fóbica, racista e machista do presidente do país. Se já descobrimos que medo e ódio são a matéria de trabalho deles, acredito que a nossa possa ser luz.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

*Como ser luz na escuridão?* Passa a ser uma das perguntas que me guiam nesse trabalho e seguindo a lógica cartográfica de que boas perguntas devem nortear o caminho (Kastrup, 2009), busco sempre me indagar sobre cada passo novo dado nesse momento sem saber ao certo onde tudo isso vai findar. Para organizar o pensamento dessa pesquisa e tentar conseguir uma resposta para “Como ser na luz na escuridão?”, talvez seja necessário compreender de onde viemos e que acontecimentos nos trouxeram ao agora, seres em busca de luz. Nesse primeiro momento, escavarei a minha trajetória de vida afim de responder tal pergunta, se vou conseguir respondê-la à vocês, é uma outra questão, mas confesso que essa resposta é bem importante para o prosseguimento dessa jornada, não só enquanto artista ou pesquisador, mas como ser humano.

Todos esses questionamentos me fizeram não pensar mais somente luz quando começo a trazer para esse trabalho tudo o que tenho como forma de defesa. Busco no pesquisador ator uma luminosidade, no pesquisador diretor outra e por assim vai. Essa luz vai além do próprio iluminador pesquisador.

Para descobrir que luz eu trago comigo foi necessário um retorno, vou em busca das minhas primeiras referências na vida, essas que foram compartilhadas pelos meus pais. Ele, músico taxista, padeiro, vereador da cidade; ela, professora do primário, comerciante e mãe, me proporcionaram uma infância incrível. Na adolescência sai de casa para estudar na capital do estado e quando retorno, percebo que a religião evangélica modificou aquelas pessoas de maneira que quase eu não os reconheço mais. O dogma agora era o meu principal obstáculo na relação com os meus pais. Assim como percebo na relação com a política atual. O dogma é o nosso principal inimigo no que se refere a política do país. Não se governa com a bíblia. O estado é laico. Mas e em relação a nossa família? Como reivindicar amor? Não existe uma constituição para isso. A arte é o oposto do dogma, ela pode até ter regras, mas ela é livre. E é dessa liberdade que quero tratar nessa pesquisa/composição cênica.

## **Conclusões**

Trabalhar na construção dessa Composição poética teatral me organiza a cabeça num lugar outro, onde pensar as luminosidades das memórias me fez questionar o tempo todo a quem serviria essa pesquisa, tão fechada na minha própria história de vida? Por que iniciar uma pesquisa onde eu falo de mim, das minhas memórias, a quem serviria isso? Por que esse pensamento tão egoísta? Paula Sibila (2016) fez um estudo sobre o eu como espetáculo, destacando a intimidade como uma nova forma de falar sobre a vida cotidiana. A autora descreve que destacam-se algumas peculiaridades nos relatos biográficos que hoje proliferam, o foco das figuras ilustres vai se apagando e vai acendendo o das pessoas consideradas comuns. Vão se alargando os limites do que se pode dizer e mostrar ante um público que se deseja infinito, a esfera da intimidade continua sendo muito valiosa para cada um - sobretudo, parece ser cada vez mais importante na hora de definir quem se é e quanto se vale -, mas agora ela transborda os limites do espaço privado e se exacerba sob a luz de uma visibilidade quase total (SIBILA, 2016)

Dentro desse contexto onde o eu ganha força enquanto obra, acredito que esse experimento possa servir também como uma valiosa arma de troca, onde a vida do



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE  
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP  
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

outro importa, onde as experiências por mais banais que sejam, possam valer de algo para quem a assiste.

**Palavras-Chave:** teatro; iluminação; memória; poética; encenação.

### **Agradecimentos**

Agradeço a Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo incentivo até aqui fornecido através da Bolsa de mestrado, que possibilitou essa pesquisa chegar onde chegou.

### **Referências Bibliográficas**

Forjaz, Cibele. **À luz da linguagem – um olhar histórico sobre as funções da iluminação cênica.** Revista sala preta. -Vol. 15.n. 2,2015;

Souza, Iara. **Os sonhadores das sombras: uma cartografia poética das micropolíticas de resistência da dramaturgia da luz Opus Lux.** Departamento de Línguas Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro, 2017;

Passos, Eduardo. Kastrup, Virginia. Escóssia, Liliana da. **Pistas do método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** - Porto Alegre: Sulina, 2015;

Sibilia, Paula. **O show do eu.** coordenação César Benjamim - 2. ed.,rev.-Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.